

CAIPIRISMO E CAMILIANISMO EM MONTEIRO LOBATO

Agrippino Grieco

*Poetas e Prosadores do Brasil. Rio
de Janeiro, Conquista, 1968,
p. 195-199.*

Talvez Monteiro Lobato sofresse prejuízo com o louvor de Rui Barbosa. Muitos crêem que, se o grande homem não lhe houvesse endossado o cheque, ele nada levantaria na praça. Um engano, tanto mais quanto a sua fama, embora menos rumorosa, já se vinha fazendo aos poucos e, mesmo sem o reclamo do mestre, ele conseguiria, mais dia menos dia, o seu público e a sua notoriedade. Já analistas de mérito como Oliveira Viana mostravam, em estudos perspicazes, a significação desse talento. De resto, o outro é que precisava dele, porque, crítico e divulgador de gênio, nunca teria a imaginação plástica necessária para criar o tipo de Jeca Tatu, de que tanto precisava no momento para amesquinhar os brasileiros em geral, à impossibilidade de vir a ser presidente da República.

Como quer que seja, verificou-se ainda uma vez que árduo trambolho, que dura carga a carregar a vida toda é isso de entrar nas letras com um grande sucesso. A Flaubert não desculparam nunca o ter começado com uma obra-prima, de difícil reprodução, e quando lhe falavam na *Madame Bovary* era o mesmo que se lhe servissem uns restos do arsênico com que se envenenara a pobre Ema. Assim entre nós, não obstante permanecer anos e anos de pena em punho, Monteiro Lobato se manteve para a maioria, imutável, o homem do volume de estória, tanto mais quanto Jeca Tatu se afigurou a muitos uma dessas encarnações gráficas de nacionalidades à maneira de John Bull, do tio Sam ou, em grau mais modesto, do Zé-Povo de Rafael Bordalo Pinheiro. Como que a criatura, à seme-

lhança do que tantas vezes acontece, engolia o criador. Gente que nunca citava o nome de Lobato citava a cada passo o do seu herói, sem preocupações de averiguar a quem cabia a paternidade deste. Jeca entrou no vocabulário comum, no Rio e na província, significando, com um tom ainda mais pejorativo, matuto palerma ou caipira madraço, sempre cochilando no seu descanso diário de vinte e quatro horas. Deu-se até como obra de sociólogo o que era panfleto, como símbolo o que era paródia. E o pior é que nos próprios *Urupês* só viam o fantoche humano, no exagero da sua tipificação irônica, sem ver outras páginas admiráveis do livro, o caso dos faroleiros, da colcha de retalhos, do sinistro Bocatorta. Não fosse Lobato um temperamento forte e acabaria arrependendo-se de haver escrito os *Urupês*, deixando cair a pena desencorajado.

Mas é impossível esquecer o rumor que fez o volume, depois da apologia ruibarboesca. Edições sucederam-se e à outra glória acrescentou-se a glória de balcão, a dos vários milheiros de exemplares vendidos em meses, verdadeiro milagre num país de livrófobos. Discussões em torno à sátira ao Jeca. Monteiro Lobato teria ou não teria razão. Muita tinta correu pelos meandros da argumentação pró e contra. Uns vivaram o autor e outros se indignaram ante o ataque epigramático ao pobre morador do vale do Paraíba, mais vítima do abandono em que o deixam a instrução e a higiene que vítima de si mesmo, da sua preguiça fatalista, da sua improfícua melancolia, da sua subserviência modorrenta e morrihenta. Houve quem revidasse através de tipos como Mané Chique-Chique e Jeca Leão. Cremos que até os trapistas de Tremembé responderam declarando a Lobato que esse boneco, se lhe matam os vermes e lhe metem no crânio a cunha das primeiras letras, é capaz de tudo quanto se lhe peça na vida rural ou na vida industrial, como eles, religiosos, demonstraram nas suas plantações e nas suas pequenas fábricas.

Tocado por argumentos que tais, o escritor paulista modificou um tanto o seu juízo sobre o mísero caboclo acocorado na sua sonolência enfermiça, e, com a nobreza de quem não teme mudar de opinião quando muda para melhor, lançou o seu *poenitet me* na quarta edição dos *Urupês*:

“Cumpre-me implorar perdão ao pobre Jeca. Eu ignorava que eras assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparrã e ruindade. Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso que eu disse, sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa que há no país. Os outros, que falam francês, dançam o tango, pitam havanas e, senhores de tudo, te mantêm nessa geena dolorosa para que possam a seu

salvo viver vida folgada à custa do teu penoso trabalho, esses, caro Jeca, têm na alma todas as verminoses que tu só tens no corpo. Doente por doente, antes como tu, doente só do corpo. . .”

Seduzidos pelo lado burlesco da figura de Jeca Tatu, nem todos prestaram atenção ao que havia de original, de pessoal, no estilo de Monteiro Lobato, estilo novidadeiro, onde pululavam os neologismos à brasileira ou, mais restritamente, à paulista, embora permanecessem certos requintes de antigo, de atento leitor dos escritores lusos, atraído pela obra e pela personalidade de Guilherme de Azevedo ou de Fialho de Almeida, que estudou em paralelo curioso, ou atraído pela tumultuosa complexidade de um Camilo, a quem, numa ficção engenhosa, fez viajar pelas ruas da Paulicéia, mostrando-o indignado com as centenas de vocábulos estrangeiros que ali ouvia, a proclamar que, entre outros, o termo “menu” deveria ser definitivamente desalojado pelo expressivo “cardápio”, criação, se não estamos equivocados, do nosso Castro Lopes. . .

Na maneira do autor dos *Urupês* há uma feliz mistura, inteligentemente dosada, que classificaremos de mescla de caipirismo e camilianismo. Dessa mescla resultam inúmeras audácias de expressão e, em particular, atrevimentos quase sempre felizes do jogo das metáforas e no modo de adjetivar, uma das suas originalidades essenciais. Originalidade resultante da impropriedade, do desrespeito à harmonia clássica, da coragem com que o prosador reúne a um substantivo banal um ou dois adjetivos menos banais que nunca víramos em tal companhia, sendo que não raro os três parecem protestar por se verem juntos. Para La Bruyère, cada substantivo tem o adjetivo que lhe compete, numa xifopagia imutável; é o único que lhe convém e qualquer outro só serve para perturbar a lógica do período. Mas isto não importa em compor um molde inalterável, em conduzir à monotonia, à estagnação, ao lugar-comum, como nas chapas da linguagem jornalística: inspirado poeta, respeitável matrona, intrépido aviador? Aquela união meio violenta de palavras que dantes se distanciavam cautelosamente umas das outras, e o emprego de hábeis deslocções sintáticas e de imagens trepidantes, quase todas de um acentuado gosto visual, eis o forte do estilo de Monteiro Lobato. A patuléia, folheando o seu primeiro livro, podia não dar por isso, absorvida pela *charge* de Jeca Tatu, mas os intelectuais de paladar educado não se podiam equivocar.

Insistia-se agora em que a mesma injustiça feita a muitos trabalhos dos *Urupês*, em conseqüência da excessiva justiça feita ao trabalho que deu o nome à coletânea, uma tal injustiça perseverou no tocante aos livros subseqüentes de Lobato. Depois dos *Urupês*, veio meia dúzia de volumes de contos e ensaios, sem falar nos quatro ou cinco volumes de histórias e fábulas para crianças, tecidas com uma discreta amabilidade de adulto que sabe curvar-se para falar ao ouvido

do pessoal de palmo e meio e sabe fazer da sua linguagem uma espécie de vidro transparente através do qual os garotos enxergam sem dificuldade as evoluções das fadas, dos gênios e dos monstros. . . Mas para quantos leitores o escritor paulista não continuou a ser apenas o pai do Jeca? Só os inteligentes prestaram atenção à diversidade de suas aptidões literárias, aptidões sempre típicas na diversidade. Porque a ficção e a crítica lhe saíam da pena com a mesma espontaneidade desenvolta e não sabemos se ele não nos poderia oferecer, dado que lhe sobrassem tempo e paciência, um bom romance da gente rural no seu contato com a gente das pequenas cidades, romance em que ele contivesse a sua fantasia por vezes desbridada num exame mais direto e cerrado da verdade brasileira.